

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA – UNILAB

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – IHL

BACHARELADO EM HUMANIDADES

ERICK SOUSA DE SOUSA

SISTÊMICA E IDENTIDADE



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES

ERICK SOUSA DE SOUSA

SISTÊMICA E IDENTIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel.

Prof. Orientador: Ramon Souza Capelle de Andrade

Redenção
2014

prenchimento posterior

*As proliferadas experiências auto
organizadas.*

AGRADECIMENTOS

Queria agradecer a todos que sintam-se envolvidos na produção deste trabalho através dos momentos compartilhados, das alianças formadas, dos sentimentos vividos, tudo isto se mostrou como material de análises e reflexões que muitas vezes sobressaem no texto.

Agradecer especificamente à Ramon Capelle, pela orientação e os empolgantes momentos de reflexão, seu clima fraterno possibilitou a paciência requerida naqueles dias dominados pelas duras investigações filosóficas. À Daniel Valentim, companheiro qualificado, pelas horas e ho-ras de resistentes debates sobre a sistêmica e „real“ prática funcional-metodológica e empírica.

À Carlos Ronald, por sempre ser um exímio ouvinte e contestador de ideias. À Bárbara Moura, por suas horas cedidas à reflexão conjunta sobre os dilemas, dificuldades e posições da pes-quisa.

Aos companheiros do *Entre Olhos*, Larissa Alves, Ana Rayssa, Armando Barbosa, Helora Arrais e Natalia Gois, pelas longas formações amigavelmente coletivas sobre “*como viver só*”, reflexões sobre a composição, produção e circulação de ideais e bens artísticos culturais, assim como as aventuras e momentos inesquecíveis que vivemos juntos Também aos *Piratas* da Re-sidência Artística *Nau Pirata* minha gratidão pelas fluidas relações constituídas perenes entre amor e ódio, Alexandre Machado, Icaro Lourenço, Luan Moura e Wesley Fellipe.

Agradecer também, não poderia deixar de citar, aos companheiros do *Movimento Organizado de Cultura e Arte do Acarape M.O.C.A*, (Mario Magno, Yuri Silva, Felipe Farias, Nelson Coitinho, João Mendes, Wilquelina Ponciano, Anne Carol, Larissa Ketlin, Jezabel ...). Assim como do Coletivo Ruptura (Pedro Iago; Francisco Rangel; Junior Aguiar) lá onde encontrei os pro-fundos ensinamentos das reestruturações comportamentais coletivas, auto organizadas e emer-gentes, através das duras e gratificantes experiências vividas em conjunto.

Agradecer a motivação recebida por Euda Maria, aos silenciosos e distantes ensinamentos de Eudes Galdino.

Por fim à banca de defesa o Prof. Dr. Leandro de Proença-Lopes e Prof. Dr. Maurilio Machado Lima Júnior, pela disponibilidade e contribuições. Aos professores do Instituto de Humanida-des e Letras – UNILAB, o Prof. Dr. Gledson Ribeiro; Prof. Dr. Ivan Maia e Prof. Dr. Rodrigo Ordine, assim como a Profa. Dar. Vânia Gico, professora efetiva da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, pela apresentação dos estudos da Complexidade.

Despertos, Eles Dormem.
Heráclito.

RESUMO: O objetivo da presente monografia de conclusão de curso é oferecer uma caracterização da identidade pessoal, ou da manifestação identitária, à luz da Sistêmica ou da Teoria Geral dos Sistemas. Concebemos a manifestação identitária como estando assentada em hábitos de conduta embutidos no sistema psicocomportamental da pessoa. A manifestação identitária estaria, contudo, sempre em construção e alteração, não constituindo, assim, algo como uma essência inteiramente cristalizada, mas um todo qualitativamente emergente. As alterações de comportamento e ação, que a manifestação identitária tende a exibir ao longo do tempo, constituem resultados de um processo de auto-organização secundária, como uma propriedade dos sistemas complexos.

Palavras-Chave: MANIFESTAÇÃO IDENTITÁRIA, PESSOA E TEORIA GERAL DOS SISTEMAS.

ABSTRACT: The purpose of this work is to provide a characterization of personal identity, or the identity manifestation, based on systemic or general systems theory. We argue that the identity manifestation is based on habits of conduct embedded in the psycho-behavioral system of the person. However, the identity manifestation would always be revisable and alterable and, for this reason, the identity manifestation does not constitute something like an entirely crystal-lized essence. We also argue that changes in behavior and action that tends to exhibited by the identity manifestation over time can be considered the result of a process of secondary self-organization as a property of complex systems.

Key words: IDENTITY MANIFESTATION, PERSON E GENERAL SYSTEM THEORY

ERICK SOUSA DE SOUSA

SISTÊMICA E IDENTIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel.

Aprovado em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ramon Souza Capelle de Andrade
UNILAB

Prof. Dr. Leandro de Proença-Lopes
UNILAB

Prof. Dr. Maurílio Machado Lima Júnior
UNILAB

Redenção
2014

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 Capítulo 1: OS SISTEMAS ESTÃO EM TODOS OS LUGARES	12
1.1 Teoria Geral dos Sistemas e Manifestação Identitária	12
1.2 Auto-Organização Primária e Secundária	16
2 Capítulo 2: A NATUREZA EMERGENTE.....	22
2.1 Manifestação Identitária e Emergência	22
Considerações Finais	29
Referências Bibliográficas.....	30

INTRODUÇÃO

Procuramos oferecer, neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), defendido no âmbito do Bacharelado em Humanidades, do Instituto de Humanidades e Letras (IHL), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), uma caracterização de identidade pessoal, ou, mais especificamente, da manifestação identitária, à luz da Sistemática ou Teoria Geral dos Sistemas (TGS). A nossa hipótese é a de que a identidade pessoal (ou a manifestação identitária) constitui uma propriedade emergente de um sistema (ou feixe) de hábitos psicocomportamentais inscritos na estrutura da pessoa, como sistema aberto, em constante recebimento e adequação das influências de sua realidade complexa, ao mesmo tempo biológica e sociocultural. A pessoa é, assim, concebida como sistema. O sistema é, por sua vez, concebido como uma unidade complexa e organizada, formada por um conjunto não vazio de elementos (ou partes) ativo(a)s que mantêm relações com características de invariância no tempo, que lhe garantem a sua própria identidade (BRESCIANI; D'OTTAVIANO, 2004, p. 239).

Entre os elementos (ou partes) da pessoa, como sistema, teríamos, em especial, a *parte biológica* (conferida pelo código genético), a *parte psicológica*, de natureza mental e fenomenológica, e *parte psicológica dissolvida, ou interpenetrada, sobreposta e emaranhada na externalidade sociocultural*, o que, por sua vez, implica o reconhecimento da dificuldade de separação da pessoa da sua externalidade (que, para nós, é mesmo “parte da pessoa”). Diante dessa dificuldade, preferimos adotar, no lugar de identidade pessoal, a noção de manifestação identitária, para justamente acomodar, como parte integrante da estrutura da pessoa, sua externalidade sociocultural. A manifestação identitária seria, assim, a cada momento, uma propriedade global ou emergente do sistema face a interação e integração dos diferentes planos de organização que a compõem, o biológico, o psicológico e sociocultural.

Sendo assim, o presente trabalho de conclusão de curso, que se caracteriza como pesquisa bibliográfica, de natureza teórico-conceitual (filosófica), encontra-se dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo, abordamos as noções de sistema, identidade pessoal ou manifestação identitária e auto-organização (primária e secundária). Já no segundo capítulo conferimos especial ênfase à noção de emergência.

CAPÍTULO 1 – “OS SISTEMAS ESTÃO EM TODOS OS LUGARES”

“Estas definições completam-se e sobrepõem-se sem se contradizerem verdadeira-mente. Um sistema é “um conjunto de partes” (LEIBNIZ, 1666), “todo o conjunto definível de componentes” (MATURANA, 1972). As definições mais interessantes ligam o carácter global ao traço relacional: “Um sistema é um conjunto de unidades em inter-relações mútuas” (*A system is a set of unities with relationship among them*) (VON BERTALANFFY, 1956); é “a unidade resultante das partes em interacção mu-tua” (ACKOFF, 1960); é “um todo (*whole*) que funciona como todo em virtude dos elementos (*parts*) que o constituem” (RAPOPORT, 1968).” (MORIN, 2002. p,131.)

1.1 Teoria Geral dos Sistemas e Manifestação Identitária

Atualmente, os sistemas são perceptíveis em muitos lugares (são ubíquos, nesse sentido). Falamos, por exemplo, em sistemas sociais, econômicos, sistema solar, sistema digestivo, sistema respiratório. Há, assim, uma proliferação, aos quatro cantos, da utilização do conceito de sistema. Tal utilização, contudo, não, na maioria das vezes, vem acompanhada de uma expli-ci-tação acerca do significado de sistema. A tradição sociológica, por exemplo, veicula diversas interpretações, reflexões e proposições acerca do conceito de sistema, sem nunca elucidá-lo, sem de fato conhecê-lo. (MORIN, 2002. p, 130.). Assim, como uma tendência geral, o conceito de sistema tem sido esvaziado, evitado, deixado para as especulações e para as proposições epistemológicas, quando, em termos práticos, a aplicação [entendimento] do sistema produz efeitos reflexivos por toda a constituição dos saberes e conhecimentos.

Entendemos por sistema o seguinte: uma unidade complexa e organizada, formada por um conjunto não vazio de elementos (ou partes) ativo(a)s que mantêm relações com caracterís-ticas de invariância no tempo, que lhe garantem a sua própria identidade (BRESCIANI; D’OT-TAVIANO, 2004, p. 239). Nos anos cinquenta-sessenta a chamada Teoria Geral dos Sistemas (TGS), que constitui “[...] *uma reorientação do pensamento e da concepção de mundo decor-rente da introdução do „sistema“ como novo paradigma científico*” (BERTALANFFY, 2006, p. 15.) é espalhada e ganha atenção filosófica e científica. Von Bertalanffy propõe uma abor-dagem geral dos sistemas, compreendendo, como características dos sistemas, a interrelação com o ambiente, a interdependência com os múltiplos agentes, a ordem, a desordem, a totali-dade e a teleologia. É nesse sentido que julgamos que a teoria geral dos sistemas constitui marco conceitual e teórico apropriado para a caracterização do indivíduo moderno (da subjetividade ou da manifestação identitária) como sistema em permanente interação com o meio e em per-manente reconstrução de si mesmo enquanto organização bio-psico-social).

A sistêmica, através do olhar focalizado nas relações, valoriza as partes qualitativamente, percebendo-as também como organizações complexas, e não somente como partes simples, que podem ser analisadas separadamente, tal como acontece nas explicações científicas de natureza mais reducionista. Por organização complexa entendemos um padrão não-aleatório de elementos ou partes e atividades que buscam a satisfação de uma funcionalidade.

Deste modo, e considerando a realidade e as múltiplas dimensões da organização dos sistemas, emergiriam perceptíveis incongruências no âmbito do conhecimento científico, como, por exemplo, e em especial, a fragmentação e a especialização de tal conhecimento. Nesse sentido, as diversas disciplinas, tradicionalmente concebidas, não expressam, em seus resultados mecanicistas (que tendem a enfatizar a redução dos fenômenos a regras e à nomenclatura estrita, sem abertura a variedades/espontaneidade), uma compreensão mais próxima do todo ou da totalidade organizada e interdependente nos mais diversos domínios da realidade: físico-químico, biológico, psicológico, social e cultural. Já que reconhecemos na “arquitetura universal” (parte da noção de que a realidade é uma sobreposição sequencial de sistemas), uma constante edificação de sistemas complexos, “*uns sobre os outros, uns entre os outros, uns contra os outros, implicando-se e imbricando-se*” (MORIN, 2002, p. 128.). Os sistemas – podemos mesmo afirmar – se proliferam na própria trama organizada das interações biosociais, que, por sua vez, projetam, quase como em *flashes*, e nas mais diversas e amalgamadas relações de múltiplas naturezas, a constituição do que vem-a-ser o “objeto”, por assim dizer, da nossa pesquisa (teórica e filosófica): a identidade, a manifestação da identidade, que possui, por excelência, uma dimensão inteiramente sistemática ou sistêmica.

Assim sendo, o indivíduo, o ecossistema psicossocial, o sistema solar, as galáxias, as células, as moléculas, os átomos e as partículas subatômicas, ou seja, todas as entidades ou entes compostos por relações de interdependência entre partes, se expressam como sistemas ou, mais ainda, e à luz de uma perspectiva realista, constituem mesmos sistemas organizados complexamente (MORIN, 2002). Os sistemas estariam, assim, e à luz de um realismo sistêmico, presentes em todos os lugares. Já o nominalismo sistêmico concebe o olhar para as *relações entre as partes de um todo* como um olhar que possui natureza muito mais metodológica ou conceitual (método de análise de fenômenos) e muito menos denotativa (correspondendo a algo de real no próprio mundo).

O sistema complexo constitui o bloco básico (tijolo) de construção da análise que empreendemos acerca da identidade (ou manifestação identitária) da pessoa (pessoal) ou do indivíduo humano inscrito em uma tessitura, multifacetada, de natureza bio-sócio-cultural. Não por outra razão, “*pensar sistemicamente [o indivíduo] significa pensar em termos de fatos e eventos no*

contexto de totalidades. Essas totalidades formam conjunto integrados com suas propriedades e relações” (ANDRADE, 2011, p. 31). De acordo com a Teoria Geral dos Sistemas, os elementos e as interações que formam um sistema [elementos complexos no *continuum* de interação, relação e interdependência] (um indivíduo humano, por exemplo) são concebidos como o todo (ou totalidade organizada). O sistema é, em outras palavras, muito mais que a soma de suas partes simples que, por sua vez, mantêm relação direta com o meio e com outros agentes, compondo um complexo sistemático interrelacionado (*ser-no-mundo*, por exemplo).

Os sistemas – vale ainda mencionar – possuem a sua atribuição de totalidade (ou de todo organizado) fluída, considerando a adoção (ou não) de uma certa (em detrimento de outra) perspectiva de análise (mais isso sem cair no nominalismo ou mero perspectivismo sistêmico). Em alguns casos, ou momento, podemos, assim, conceber um sistema como um todo. Em outros casos ou momento, podemos conceber o sistema como uma parte. Por exemplo, os indivíduos em certas abordagens são concebidos como o todo, já, no âmbito do cosmos, o indivíduo pode ser concebido como uma parte. Voltando nossa análise para os sistemas humanos isso implica assumir para o indivíduo (a identidade) uma característica difusa, sem cortes precisos.

Os sistemas mantêm relações com o “externo” e, ainda (como se depreende da própria caracterização de sistema) relações com suas partes (internamente). Tais relações podem, também, ser, por um outro espectro (em outra perspectiva de momento [tempo] e localização [espaço]), percebidas como sistema, ou, ainda, como mencionamos acima, como parte, e isso seria definido a partir da perspectiva tomada. Por exemplo “*o pai do meu pai é meu avô*”. Nesta breve exemplificação lógica da linha hereditária, percebemos que o interlocutor, a partir de uma breve análise lógica, percebe a mudança de determinante identitário, ali temos, o *pai do falante*, que também é *filho do avô do falante*, avô que é “*pai*” e “*avô*”. Percebemos, neste simples exemplo, que os indivíduos abordados na relação familiar assumem diversos papéis (dependendo da organização sistêmica considerada como estrutura familiar) que demarcam minimamente o comportamento, atitudes e fatores comportamentais.

No âmbito da teoria sistêmica, há as definições de sistemas abertos e sistemas fechados, que expressam a distinção (ou o modo particular) da complexidade de atuação e fluxo de comunicação do sistema no/com o contexto externo. Os sistemas fechados (considerando, em especial, os sistemas sociais) constituem sistemas isolados da percepção da realidade complexa e multiforme da modernidade, sistemas que não considerariam a necessidade da compreensão do todo. Quando os sistemas humanos tendem a se fechar, geralmente acontecem contradições sociais alimentadas por tal mutilação da percepção externa (o fechamento), pela ausência de compreensão dos agentes como indivíduos inter-relacionados.

Se concebido como um sistema fechado, o indivíduo, ou a individualidade humana, terá suas características abafadas (cristalizadas) pela estrutura organizacional tida como demarcações predefinidas de antemão pela posição no meio social, ou pela participação num determinado grupo (STRATHERN, 2014. p, 246). Para contemplar os sistemas sociais fechados podemos facilmente recordar os períodos da idade média da historicidade humana, ou “o espírito tradicional”, que se caracterizava como a fixação das identidades [referindo-se ao estado de projeção, da visão que o outro constrói de alguém e não a *qualis* subjetiva inerente aos traços subjetivos, constituintes de todos os seres] restrita à camada da sociedade na qual o indivíduo encontrava-se inserido. Assim, o indivíduo seria um constante (permanente e sem possibilidade de reinvenção e salto qualitativo) produto do coletivo que pertence, a camada social. Tal fato, por sua vez, delimitaria a expressão da identidade do indivíduo na esfera dos pequenos laços íntimos, como família, amigos e companheiros, mas tal expressão sempre estaria limitada pelas fronteiras das camadas da sociedade média, fortemente motivada pela legitimação religiosa para a composição da estrutura social da época. Ou seja, no “[...] *sistema fechado o estado final* [da caracterização da identidade] *é inequivocamente determinado pelas condições iniciais* [nascimento, por exemplo, nesta ou naquela casta ou camada social]. [...]” (BERTALANFFY, 2006 p. 65). Outro modo também é o sistema discursivo fechado, definidor, típico da expressão bi-nária e mecanicista de análise, por exemplo, as denunciadas “*tecnologias discursivas do gênero*”, que determinam padrões de comportamentos designados à tipos sociais, como a determinação dos gêneros, a “*miséria do sexo*” (SAIWN, 2004)

Existem características essenciais que definem e diferenciam os sistemas abertos e fechados. Por exemplo, sistemas fechados são os que têm sua dinâmica voltada para a percepção do interior do sistema. Sistemas abertos são sistemas que recebem e aceitam influência do meio, como bem define Bertalanffy logo abaixo.

[...] O sistema aberto define-se como um sistema em troca de matéria [energia e informação] com seu ambiente, apresentando importação e exportação, construção e demolição dos materiais que o compõem [...] (BERTALANFFY, 2006. p. 186).

Os sistemas abertos podem ser concebidos como contrários aos sistemas fechados. O sistema aberto qualifica positivamente as organizações sociais, biológicas e físicas como um complexo interligado, funcionando com a dinâmica de agentes (ou partes, que também podem ser sistemas) que sofrem com interferências ou influências do meio externo. Ou seja, um sistema aberto é a aglomeração organizada de agentes resultados e resultantes da influência recebida do meio. Estes sistemas (os sociais, em especial) convivem e trocam experiências (matéria/energia/informação) com o meio repleto de outros sistemas, além de manterem relações com

outras organizações sistematicamente sobrepostas e interconectadas. Os sistemas abertos passam, constantemente, por distintos e diversos tipos de influências e relações com o meio (como já foi dito), suscitando o sentido de identidade desses mesmos sistemas; no caso do nosso trabalho de conclusão de curso, defendemos que o sistema identitário (*Manifestação Identitária*) estaria intrincado (seria gestado e emergiria) nas próprias relações experienciadas e organizadas na composição integrada indivíduo/externalidade (como expressão, em outras palavras, das interações e intersecções entre indivíduo e ambiente sócio-histórico-cultural).

Estes sistemas (devido a correlação constante indivíduo/ambiente) secretam o sentido da identidade como propriedade emergente, e somente a soma de suas partes (dos sistemas indivíduos) não representaria a constituição das suas totalidades instantâneas – identidades manifestas – mas, sim, como evidenciado acima, são as relações entre as partes dos sistemas indivíduos com a totalidade interagindo em relação paradoxal com as partes (que podem ser em alguns momentos todo) de outros sistemas, além da interação interna entre as partes do sistema o que constituiria o espaço complexo organizado no âmbito do qual (e pelo qual) emerge o sentido de identidade.

Assim, a TGS concebe a realidade como uma “*sobreposição de camadas de organização*”. Cada camada, por exemplo, a vida (característica emergente do sistema) emerge da relação (interação) complexa entre RNA, DNA, aminoácidos; os tecidos emergem da relação das células e assim sucessivamente. Deste modo, a sistêmica elege como qualidade analítica a sobreposição de camadas complexas de organização, tendo como característica fundamental a descentralização do objeto de análise, e a percepção que os fenômenos, seja as práticas humanas ou as atividades naturais, precedem-se de organizações.

Posto isso, o nosso trabalho visa refletir filosoficamente sobre a emergência do substrato identitário, a identidade pessoal. Entendendo inicialmente, a partir da abordagem sistêmica, que a manifestação identitária emerge em consonância com a organização sistêmica estabelecida e as inferências da espontaneidade e variabilidade. Percebemos, assim, a identidade como um misto da possibilidade de ser um traço da organização (característica demarcadora do sistema) e também resultado da própria organização sistêmica.

Continuaremos, na segunda seção deste capítulo, caracterizando a (auto) organização sistêmica como ferramenta metodológica e epistemológica para análise e entendimento da noção de identidade pessoal ou de manifestação identitária.

1.2 Auto-Organização Primária e Secundária

Bertalanffy, um dos fundadores da teoria geral dos sistemas, referindo-se, implícita ou explicitamente, ao debate *mecanicismo versus emergentismo*, escreve que:

[...] O século XIX e a primeira metade do século XX concebiam *o mundo como um caos*. O caos era o jogo cego dos átomos, frequentemente citado, que, na filosofia mecanicista e positivista, parecia representar a realidade última, sendo a vida um produto acidental de processos físicos. [...] Estamos agora procurando outra concepção básica de mundo, *o mundo como organização*. (BERTALANFFY, 2006. p. 239-240)

A concepção de organização (a visão de mundo como organização complexa), aplicada às tramas do mundo social, confere subsídios para entender o (um) sentido das relações humanas, sobretudo da manifestação da identidade ou identidade da pessoa. Tais relações se desdobrariam no âmbito de uma organização, a sociocultural, que valoriza positivamente a concepção da pessoa como promotora da emergência de características (ou traços comportamentais) pró-prios, mas compartilhados ideologicamente pelo *ethos* comunitário. Uma característica inerente às organizações humanas é a promoção da socialidade (VIVEIROS, 2010). Disso se segue que a pessoa é um indivíduo social e, por essa razão, a sociabilidade é ubíqua, contribuindo, através da experiência social, para a construção e sentido da identidade humana.

Assim, “*o conceito de organização está associado ao (quase se confunde com) o conceito de sistema*” complexo. Uma organização é um padrão não-aleatório e interdependente de partículas/partes/agentes circunscritos por um todo. O sistema, nesse sentido, constitui uma organização em movimento. O complexo, de “*unidade complexa organizada*”, faz referência a um emaranhado de estratos emergentes, qualitativamente dependente “das múltiplas interações/relações/conexões” estabelecidas, consolidadas e propagadas entre as partes de um sistema. Em termos diretos, a complexidade, dar-se-ia através da não-possibilidade de redução do todo (do sistema, da organização) às suas “*partes simples*” (MORIN, 2002), em virtude dos processos de interação/relação/conexão entre as partes que, em conjunto, constituiriam os padrões emergentes (uma totalidade global).

Exploraremos, assim, nesta seção, em especial, o seguinte: a auto-organização primária, a auto-organização secundária e a emergência sistêmica. Exploraremos, mais especificamente, a identidade biológica do indivíduo humano (auto-organização primária) e a auto reconstrução permanente do indivíduo humano, influenciado pelo seu feixe de relações e interações sociais (auto-organização secundária humana). Exploraremos, também, de modo mais profundo, a noção de emergência qualitativa como propriedade dos sistemas complexos.

O que mais caracteriza a auto-organização é que a reorganização do sistema não é condicionada [imposta totalmente] por agentes externos, mas, antes, manifesta-se em termos de um

reajuste interno, do todo, sobre si mesmo. Um acontecimento externo (perder um emprego) nos abala, por exemplo. Há, neste caso, uma desorganização, maior ou menor, de nós mesmos como indivíduos (dos nossos padrões habituais de conduta). Essa desorganização temporária, dada pelo acontecimento, tende, contudo, a despertar, em nós, uma nova organização (ou reestruturação) de nós mesmos como sistemas auto-organizadores (uma nova emergência de nós mesmos). Mais especificamente, a auto-organização consiste em dois processos, a AO primária (AOP), que cria um padrão organizacional, e a AO secundária (AOS), responsável pela manutenção e “aperfeiçoamento” de um padrão organizacional já existente. Posto isso, podemos pensar a construção da identidade pessoal, ou da manifestação identitária, a caráter pedagógico, em dois momentos. No primeiro, expresso na auto-organização primária, construir-se-ia o padrão (por meio da passagem de partes desconectadas e independentes à partes conectadas e interdependentes) que especificaria a organização de um sistema (o sistema nunca ficaria sem padrão de atividade ou comportamental). Já no segundo momento, na auto-organização secundária, ocorre, em grau maior ou menor, uma adequação (frente a influências externas) do padrão de atividade ou comportamental do sistema, surgindo, assim, um novo padrão que, por sua vez, seria expressão de uma reorganização interna do sistema. A AOP estaria presente no processo de formação biológica humana, em primeiro lugar (isso representaria o surgimento de uma forma, ou sistema, biológico). Já quando a pessoa passa a estruturar marcas iniciais que delimitam a postura, traços recolhidos durante as primeiras experiências com a família e pela primeira infância, estaríamos, ainda, experienciando a auto-organização primária de uma personalidade ou subjetividade nascente.

A fixação dos elementos compartilhados pela família e vizinhança social imediata apresentam-se, até certo momento da vida, como características gerais. É a partir daí que a personalidade nascente passa a incorporar o geral (crenças religiosas, de vivências em família, de interação com outros, da educação formal e dos diversos modos consagrados de experiência legitimados pela sua comunidade social) de um modo particular, como expressão da auto-representação que a personalidade nascente começa a construir sobre si mesma (especificando de modo particular, mas, ao mesmo tempo, em maior ou menor grau, aceitando e compartilhando o sentido de viver e pertencer a comunidade que representa um todo social muito mais amplo). Nesse sentido, nestes momentos iniciais da personalidade nascente, a noção de compartilhamento (de pertencimento a uma família e comunidade) predomina, e tal personalidade nascente ainda não possui condições de separar a si mesma do todo mais amplo. Além disso, a identidade biológica (baseada no código genético e base fisiológica da personalidade nascente) também

parece desempenhar papel importante no modo pelo qual tal personalidade constrói a si mesmo via interação com sua realidade familiar e social.

Os encontros iniciais da personalidade nascente (à luz da sua base fisiológica conferida pelo código genético) com a sua exterioridade familiar e social, ao disparar os processos iniciais de absorção ou individualização da exterioridade familiar e social de um modo único e original (próprio a tal personalidade), demarcaria o primeiro passo da auto-organização primária de tal personalidade (já que expressa, justamente, e como afirmamos, o modo particular de tal personalidade digerir e metabolizar, por assim dizer, sua exterioridade). Nesse processo, disparado pelos encontros iniciais da personalidade nascente com sua exterioridade, uma forma-pessoa começa a despontar (como auto-organização primária AOP). Estendido no tempo, dissolvido na vida, o processo de despontar da personalidade culmina, por fim, e sempre motivado pelas interações com a externalidade social, em uma forma-pessoa (não está entre nossos objetivos o aprofundamento, teórico e conceitual, da gênese da personalidade).

Seja como for, a personalidade que se consolida, contudo, não (se a pessoa permanece aberta e disposta a, no contato com o mundo, alterar seus padrões de comportamento e ação) se cristaliza. A personalidade ou pessoa, aberta para o novo, está envolvida em um fluxo permanente de construção/reconstrução e adequação da sua organização comportamental, organização que se manifesta, sobretudo, à luz de um conjunto interconectado e interdependente de hábitos de comportamento ou ação. Peirce (1958) caracteriza um hábito como a prontidão ou disposição para se comportar da forma X (padrão de ação da pessoa) na circunstância Y (circunstância que representaria um acontecimento transcorrido no âmbito do contexto social imediato que a pessoa encontra-se inserida). A personalidade da pessoa estaria, para Peirce, assentada em um feixe de hábitos (como padrões regulares de ação). Os hábitos são, contudo, plásticos, constantemente redefinidos na atividade da vida, e quando a experiência da pessoa, a ação da pessoa no mundo, se mostra, via *feedback* da externalidade, inadequada ou necessitando transformação, em maior ou menor grau. Assim, a identidade pessoal (ou o feixe de hábitos da pessoa), por tal caráter de fluidez e de não-cristalização, nunca está completamente acabada. Mas isso não significa que tal processo de redefinição constante da pessoa é descontrolado. Algo sempre se conversa no fluxo de transformação e é exatamente por isso que falamos em identidade.

Essa identidade é, por assim dizer, conservada e/ou modificada “[...] através de mecanismos de retroalimentação” (VIANA, 2007. p. 96). Também, o equilíbrio (aqui entendido como conservação dos padrões habituais de ação que conferem identidade a pessoa) do sistema

(humano, no caso) depende da contribuição de distintos mecanismos de retroalimentação e autorregulação, como os “*feedbacks*”. Existem dois tipos de *feedback* (através dos quais os sistemas buscam equilíbrio ou estabilidade), o negativo e o positivo. O *feedback* negativo expressa a minimização das alterações que ocorreram nas respostas do sistema (no caso, sistema comportamental humano) ao ambiente externo (na ciência cognitiva o *feedback* negativo é também chamado de “minimização do ruído”).

É por este mecanismo que o sistema se mantém o “mesmo”, apesar de eventuais atividades das suas partes componentes (o retorno da externalidade não altera, de um modo geral, a estrutura do sistema, o padrão de comportamento do sistema). No caso do agente humano, a resposta comportamental da pessoa valida, no *feedback* da externalidade, seus valores e padrões de conduta, valores e padrões esses gestados no âmbito da auto-organização primária e secundária da pessoa. Isto pode ser observado nos hábitos e comportamentos cristalizados ou na manutenção biológica, na troca de células, regeneração e cicatrização, em que se pode ter alguma/algumas parte(s) do sistema afetada(s), mas em geral o sistema mantém-se o mesmo.

O *feedback* positivo, em contrapartida, traz consigo o aspecto próprio dos sistemas auto-organizados, é a sua *desestabilidade*. Este mecanismo é responsável pela ampliação das mudanças ocorridas nas partes, podendo levar até as mudanças estruturais na organização do sistema, no plano da psique podemos pensar a quebra de hábitos ou a quebra de rotina.

Pois bem, acreditamos poder dizer que pensar a construção da postura comportamental a partir da auto-organização sistêmica envolve uma análise do funcionamento do *feedback* positivo (VIANA, 2007), já que este é responsável por promover a mudança no sistema, ou seja, percebemos como o ponto nevrálgico da questão, que é a tentativa de ilustrar os processos cognitivos de emergência da substancialidade identitária, a percepção das (des)construções contínuas que a pessoa sofre durante suas reestruturações cognitivas. Pois a pessoa é produto do instante, condiciona-se, estrutura-se e organiza-se em sincronia com os aspectos “*do corpo e do mundo*” (VIANA, 2007, p. 98), arquitetando a sua expressão identitária em conformidade com estes uns sobre os outros, entre os outros, de forma sobreposta, emaranhada e em relação, constituindo-se ao mesmo tempo em que constitui.

A construção lógica das reestruturações e construções dos sistemas, no nosso caso, a identidade pessoal, emergiria das diversas interações de múltiplos aspectos do mundo e da psique da pessoa. A partir da própria constituição histórica de cada um. Assim passamos a conceber a identidade, a manifestação identitária ou a pessoa, como um processo (em construção num *vir-a-ser*) que sofre diversas influências do externo. Em suma, acreditamos que a *manifestação*

identitária configura-se com a Auto-organização, que determina a identidade biológica, e incorpora traços comportamentais adquiridos na primeira infância, sendo a característica de permanência e sobrevivência da construção identitária mantida, em especial, na Auto-Organização Secundária (AOS), que estruturar-se-ia a partir de colisões de experiências condicionais, que abalariam a estrutura funcional do sistema comportamental e emergiria – dependendo da intensidade e valoração do condicional – como uma reestruturação sistêmica. Ocorre, assim, uma reestruturação do sistema, promovida pela transvaloração do indivíduo, que adequando-se, gradativamente, ceifa práticas e condutas, “pondo” outras no lugar, outras que, neste novo momento, condizem em valor (juízo que surge também, condicionado pela externalidade e sua confluência com o indivíduo) compartilhado pela externalidade circundante.

No próximo capítulo, procuramos caracterizar, de modo mais preciso, a noção de emergência. Defenderemos a tese de que a pessoa, à luz da sistêmica, constitui uma propriedade global, ou emergente, derivada, ou como resultado, da interação entre as suas (da pessoa) diversas partes constituintes e contexto externo, a externalidade sociocultural.

CAPITULO 02 - A Natureza Emergente

Será que foi eu que mudei à noite? Deixe-me pensar: eu era a mesma quando me levantei hoje de manhã? Estou quase achando que posso me lembrar de me sentir um pouco diferente.

Mas se eu não sou a mesma, a próxima pergunta é: "Quem é que eu sou?" Ah, essa é a grande charada!"

LEWIS CARROL - ALICE IN WODERLAND

2.1 – Manifestação Identitária e Emergência

O conceito de emergência é fundamental para a abordagem do fenômeno da manifestação identitária ou da identidade pessoal. Edgar Morin assim caracteriza a emergência:

Podemos chamar de emergência qualidades ou propriedade de um sistema que apresenta um caráter de novidade em relação as qualidades ou propriedades dos componentes considerados isoladamente, ou dispostos de maneira diferente num outro tipo de sistema (MORIN, 2008, p. 104).

A emergência envolve a determinação de um estado global, resultado da interação e interconexão entre os diversos elementos e partes de um sistema, em um ponto/instante de sua “vida”, trajeto ou trajetória. Nesse estado global, podemos observar o surgimento de novidades qualitativas, novidades essas presentes no sistema como um todo, mas ausentes na soma das partes, consideradas isoladamente (sem o todo sistêmico). Em outras palavras, os estados glo-bais de um sistema, as totalidades em constante construção, apresentam repetidamente o surgimento de novas qualidades. Tais qualidades nascem das associações, combinações e relações estabelecidas entre os elementos ou partes de um sistema.

Por exemplo, a associação entre dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio produz moléculas de água (como um sistema físico-químico). Além das propriedades físicas e eletroquímicas distintas, decorrentes da organização sistêmica em plano micro, as moléculas de água apresentam, no plano macro, a qualidade do “molhado. Tal qualidade não está, contudo, nem presente nas moléculas de hidrogênio (isoladamente concebidas) nem nas moléculas de oxigênio (igualmente isoladamente concebidas). Tal qualidade ou propriedade (molhado) das moléculas de água pode, assim, ser caracterizada como uma propriedade emergente, ou emergência própria ao sistema H₂O. Tal propriedade presente somente na (através da) combinação dos átomos que constituem a água expressa a organização emergente, que é mais que a soma das partes (Hidrogênio e Oxigênio). Constitui o surgimento de uma nova especificidade, uma novidade qualitativa.

Aplicando a noção de emergência ao âmbito da sociedade, podemos afirmar, também, que uma sociedade constitui uma propriedade emergente (resultado da interação entre os diferentes agentes em seus domínios de atividade) das pessoas que a compõem. Sendo assim, a sociedade vista em *“toda a sociologia humana [...] não poderia ser considerada como a mera soma dos indivíduos que a compõem”* (MORIN, 2002, p, 137). Em outras palavras, no âmbito das sociedades *“qualidades nascem das associações”* (MORIN, 2002, p. 137), como produto do todo em interação com as partes (as pessoas), como, também, e paradoxalmente, produtor da “totalidade”. A totalidade depende das partes, mas, ao mesmo tempo, é um produto emergente das partes em interação, e esse produto emergente, ainda que dependa das partes, não pode ser a elas reduzido, algo novo aparece, surge e emerge.

O “encontro” entre pessoas de diferentes culturas, que impulsiona a hibridação cultural, possibilita mais uma apreciação do fenômeno emergente. Temos culturas [nesta análise percebidas como as partes constituintes de uma totalidade multicultural] que estabelecem contatos, trocas, integrações e assimilações, possibilitando a construção, o surgimento, de uma outra (nova) substancialidade cultural, uma nova manifestação organizacional, as propriedades novas que *“não são de modo algum a soma”* (MORIN, 2008, p. 104) das partes [que neste espectro seriam as distintas culturas] que servem como alicerce para a [des]construção do que irá por vir. Pensemos, por exemplo, no caso da UNILAB. Estamos observando a emergência de uma cultura totalmente nova, inaudita, no Maciço do Baturité. Estudantes provenientes da África e Ásia assimilando, transformando e digerindo hábitos culturais do nordeste. Estudantes do nor-deste assimilando, transformando e digerindo hábitos culturais da África e da Ásia. Um todo emergente, a própria UNILAB, despontando como novidade qualitativa, sistêmica.

Assim, podemos retomar o exposto no capítulo anterior: a auto-organização primária, aplicada ao fenômeno da hibridação cultural, seria concebida, de um modo geral, como a ligação das partes que antes apenas encontravam-se dispersas e desconectadas [pensemos, por exemplo, na reunião dos estudantes e professores de diversas culturas agora em interação pro-movida pela UNILAB]. Após tal encontro inicial, ou auto-organização primária, padrões de interação (ou hábitos) começam a se estabelecer a partir do contato e das relações entre as pessoas. Esses padrões, constantemente alterados e redefinidos pelas pessoas, padrões negociados e referendados pelos múltiplos agentes, constituirão expressão do todo nascente, ou emergente, a própria UNILAB como uma, agora, Auto-Organização Secundária. Sendo assim, a AOS subsidiará as [des] construções próximas (sempre em aberto) que serão constituídas a partir de relações estabelecidas entre as partes, expressando o todo. Assim, a expressão identi-tária (pessoal e/ou cultural) constitui *“a organização e a unidade global como qualidades e*

propriedades emergindo das inter-relações” (MORIN, 2002, p. 136). A organização complexa do sistema (o padrão coeso e homogêneo, a unidade) e as qualidades emergentes (hábitos reli-giosos, de convivência, artísticos, de alimentação, de vestuário, de encarar a vida e os estados de coisas) podem ser concebidos como características próprias (organizadoras) à unidade glo-bal, pessoal e/ou cultural/coletiva.

Assim sendo, nesta constituição paradoxal do sistema complexo (*o todo dependendo da parte mas sendo a ela irreduzível*), a qualidade emergente mais geral – *a chamada identidade pessoal ou cultural* – estaria ancorada na precipitação temporal, a cada instante, do padrão glo-bal de atividade do sistema. Tomar isto como ponto de partida significa perceber que “*as rea-lidades institucionais [...] orgânicas, sensíveis, psíquicas e ideológicas [...] variam no tempo e no espaço* (como precipitação dos múltiplos estados globais do sistema ao longo da vida ou do seu trajeto/trajetória), *mas a existência de regras, [...] emergindo enquanto padrão [re] condi-cionado fluidamente, [...] é invariante formal* (CASTRO, 2002. P, 286).

O sistema pode constantemente rever e mudar seu padrão de organização, como regras fluídas de interação entre as múltiplas partes que o constituem, mas não há sistema sem padrão de organização, sem regras de funcionamento ou ação. Nossa hipótese é que, no caso da mani-festação identitária pessoal, as regras que, coletivamente, seriam responsáveis pela emergência do padrão global como unidade possuiriam natureza habitual, ou, mais explicitamente, consti-tuiriam padrões regulares (mas modificáveis) de conduta disparados pela interação da pessoa com seu contexto sociocultural. A pessoa, ou sua expressão identitária, concebida como sis-tema, seria, ao menos em parte, expressão do estado global que emerge à luz de seus hábitos de comportamento e ação.

Neste sentido, a expressão identitária é percebida como sistema emergente, pois, na condição de pessoa, constituímos-nos, como estado global, à luz de relações com a externali-dade, relações em constante alteração, abertas ao surgimento de uma nova qualidade, proprie-dade, de um novo padrão de ação. Mas, ainda assim, permanecemos, como pessoa-sistema, paradoxalmente os mesmos, já que nunca, mesmo nas mudanças, abandonamos completamente a nós mesmos [condição de possibilidade de atribuição de identidade a pessoa]. Sendo assim, e paradoxalmente, a identidade é expressão de um todo global e emergente, mas é, também, e ao mesmo tempo, a promotora da construção (emergência novamente) do caráter de pessoa e de novos caracteres, que surgem “[...] *na interdependência dos sistemas [...] (concebidos como superposição de redes sociais heterogêneas e abertas) no âmbito dos quais as relações constitu-tivas das configurações regionais [as relações de partes com partes; partes com totalidades] mais amplas determinam os processos internos às unidades globais.*

Em suma, o caráter identitário, percebido como sistema processual, expresso na organização subjetiva ou psicocomportamental da pessoa, constituído na ontogênese do sujeito em continuidade permanente, apresenta-se como “*fruto, produto final [...] mas é também o ovário portador das virtudes reprodutoras*” (MORIN, 2002, p. 141.), sendo, ao mesmo tempo, a qualidade nova [a mudança] e o alicerce para a continuidade. Neste sentido, a identidade se expressaria nesta fluidez irreduzível, em caráter de mudança, continuidade e permanência, e em busca da vida.

Antes gostaríamos de refletir sobre o caráter conceitual de “*manifestação*” da identidade na expressão sistêmica. Tal manifestação nos parece estar em conformidade com o paradigma emergente que promove um alargamento do objeto científico, antes preciso e objetivo, no âmbito do qual a análise dos fenômenos se limitava à descrição e acomodação em leis do complexo em partes simples. Agora, mais recentemente, o conhecimento científico passa também a considerar as relações sistematicamente concebidas, organizadas em redes de interdependências, além do caráter de novidade qualitativa que emerge dessas mesmas relações. Os mais diversos esforços *inter, trans e multidisciplinares* constituem, em ciências, uma tentativa de minimizar os efeitos da fragmentação a-sistêmica dos nossos mais diversos objetos de investigação, uma tentativa de olhar para as relações que constituem um todo sistêmico como objeto de investigação científica. No caso, a noção de manifestação de identidade expressa a consideração, sistêmica, de que a pessoa emerge da teia de relações que estabelece entre os integrantes de um todo bio-psico-social, a sociedade em sentido amplo. Nesse sentido, a manifestação da identidade não poderia ser reduzida a sua base fisiológica (bio), nem a sua interioridade psicológica (psico), nem tampouco estaria dissolvida na sociedade. A manifestação da identidade emergiria no âmbito da interação entre a pessoa e seus diversos contextos, considerando, também, sua dimensão biológica e psicológica.

Assim, a expressão “manifestação identitária” constitui um afrouxamento do conceito de Identidade Pessoal, pois percebemos que uma atribuição fixa e estrita de identidade indica que a identidade é meramente pessoal, desconsiderando, em certa medida, a dimensão da pessoa ancorada (ou externalizada) no contexto social mais amplo. A identidade não seria, nesse sentido, e levando inteiramente a sério a noção de emergência, inteira ou meramente pessoal, mas emergiria sob a influência, também, da realidade social na qual a pessoa encontra-se inserida. Por outro lado, contudo, no âmbito das ciências sociais e nos tratados filosóficos, o indivíduo, ou a pessoa, tem sido concebido como uma ontologia em si, independente do mundo ou não

determinada, em alguma medida, pelo seu contexto social. Como, porém, demarcamos as características do indivíduo? O que é individual? O que é coletivo ou social? São questões importantes que permanecem abertas e para a reflexão.

Por isso, preferimos manifestação identitária à identidade pessoal. A manifestação identitária acontece em um âmbito sistêmico, que envolve as instâncias bio-psíquicas e as relações estabelecidas entre as instâncias bio-psíquicas e as condições externas socioculturais, condições essas que são, ao mesmo tempo, percebidas como individuais e coletivas, e sistematicamente organizadas. A noção “*manifestação identitária*” nos proporciona uma apreciação mais fiel da questão acerca de uma caracterização da identidade pessoal, pois, nos tratamentos sistêmicos auto-organizados, no âmbito dos quais não existe um núcleo condutor, que organiza toda a estrutura, os múltiplos agentes contribuem para a emergência do todo, que neste trabalho é a própria Pessoa, tomada agora como manifestação da identidade.

Assim, ao falarmos em *Manifestação Identitária* estamos defendendo que as múltiplas e multifacetadas características atenuantes e contribuintes para o processo de emergência da pessoa possuem natureza difusa, sem um corte preciso, sendo a pessoa uma parte do todo externo, mas, ainda sim, determinada também pela sua organização biológica e psicocomportamental interna.

A ciência sistêmica emerge ante a realidade analítica mecanicista, propondo uma deformação da “essência” do objeto científico. “Não há mais forma-molde que esculpa a identidade do objeto” [no nosso caso a identidade pessoal] (MORIN, 2008, p. 156). A ideia de forma conserva-se em outras aplicações. “A forma é a totalidade da unidade [...] (auto) organizada, que se manifesta fenomenologicamente enquanto [...] produto de catástrofes, inter-relações/in-terações entre elementos [...]” (MORIN, 2008, p. 156), entre os subsistemas sobrepostos. Sendo assim, há um caráter difuso presente nas fronteiras fluidas (entre sistema e ambiente, ambiente e sistema) dos sistemas complexos. Isso implica um surgimento da pessoa, da sua substancialidade pessoal, do seu caráter de *persona* enquanto derivado de um envolvimento entre os múltiplos agentes participantes de um processo de emergência organizacional. A pessoa estaria, assim, circunscrita pela relação construída no momento, no devir. Ou seja, entendemos a pessoa como ser móvel, mutável, como processo, no “*vir-a-ser*” constante, mas, ao mesmo tempo, sem perder ou sair de si mesma, conservando hábitos psicocomportamentais e o sentido autoconsciente do “eu” que lhe permite reconhecer a si mesma como si mesma ao longo do tempo ou no exercício da vida.

Conceber a natureza da identidade substancial do sistema (como manifestação identitária) não constitui tarefa fácil. O sistema, por um lado, apresenta-se sob a perspectiva da homo-geneidade, por manter certo estado de permanência constante. Considerado, por outro lado, a partir da perspectiva dos constituintes, há o heterogêneo, diverso, múltiplo e polissêmico. Assim, o sistema seria mais que a soma das partes, e seria um erro epistemológico lançar mão de um caráter reducionista (reduzindo o todo às partes ou as partes ao todo) para a compreensão de um sistema complexo, como a pessoa. A análise sistêmica deve ser assumida a partir do caráter complexo das inter-relações dos subsistemas imbricados (e emaranhados de modo sobreposto) que constituem a pessoa como pessoa.

Nesse sentido, os agentes/ambientes (as partes) em consonância e interação condicionariam o surgimento (emergência) do fenômeno (manifestação identitária). Na expressão da Identidade (o fenômeno) é entendido como uma “*manifestação*”, grudada na subjetividade, transfigurada na postura do momento, que pode ser o comportamento momentâneo, no nosso caso, a identidade do instante, a determinação da manifestação identitária.

A *manifestação identitária* da postura comportamental (surgida nestes termos) representaria o instante da “ação” da emergência, o despontar da subjetividade identitária – a *manifestação* – que surge dos condicionantes psico-biossociais que disparam comportamentos no âmbito de um contexto, expresso na singularidade espontânea. De acordo com Morin, é “*sobreposto a noção de emergência que pode confundir-se com a totalidade, sendo o todo emergente, e a emergência um traço próprio do todo*” (MORIN, 2008, p. 103).

A totalidade emergente deve ser entendida em um caráter complexo, sendo, ao mesmo tempo, uma junção de ordem repetitiva, a qual garante o caráter de unidade e permanência do indivíduo (sistema). Mas, com constante variedade, o indivíduo, a expressão individual ou manifestação identitária, sempre estar no *vir-a-ser*, na possibilidade de “ser”. Antes da emergência de uma individualização, ou emergência de um estado pessoal, mental/corporal, individualizado e/ou especificamente determinado como estado global do sistema-pessoa, ou pessoa-sistema, existe, na interação entre pessoa/contexto, a possibilidade do encontro que dispara a emergência ou organização. Assim, a natureza individual, ontologicamente emergente, estaria delimitada pelo condicionante do instante, expressão da interação do sistema com suas partes e com o contexto ou externalidade.

Para finalizar, entendemos a pessoa, ou a manifestação identitária, como um sistema qualitativamente emergente (cuja organização é conferida por um conjunto sobreposto e interconectado de hábitos como regras flexíveis de conduta, comportamento ou ação), sistema condicionado na casualidade (nas regras inscritas, como hábitos, na organização do sistema) e na

possibilidade, expressão do encontro do sistema com sua externalidade sociocultural. Em conformidade com essa concepção de pessoa, buscamos uma abordagem teórico/metodológica di-recionada a uma aproximação verossimilhante com o objeto (a pessoa), compreendendo a articulação das expressões da vida e do mundo como emergentes. A articulação e experiência da pessoa no mundo não acontece isoladamente, mas, antes, e sobretudo, em uma rede de valores, ideias, indivíduos, situações múltiplas e diversificadas.

Considerações Finais

A identidade pessoal sistêmica (ou a manifestação identitária) poderia ser concebida, da perspectiva que adotamos, como emergindo (como uma emergência qualitativa) de um conjunto próprio e individual, de hábitos incorporados na estrutura biopsicossocial da pessoa em interação com sua externalidade de natureza igualmente multifacetada e complexa. Os hábitos, que constituem, juntamente com a organização biológica, a base da identidade da pessoa como sistema, seriam, no transcurso da vida, substituídos e permanente modificados, garantindo a emergência, a cada instante, de um sentido de identidade pessoal (ou manifestação identitária) plástico, em constante adaptação a externalidade sociocultural. Mais explicitamente, argumentamos, neste trabalho de conclusão de curso, que a organização sistêmica da pessoa é instanciada fundamentalmente através de regras de conduta como hábitos modificáveis, via *feedback* externo, pela pessoa atenta às necessidades de adaptação ou ajuste (como processos de auto-organização secundária) da sua ação na realidade externa. Isso é uma questão de perspectiva, e é mais uma proposta, inicial e provisória, de entendimento rudimentar do que somos como pessoas ou sistemas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, R.S.C. *Sistêmica, Hábitos e Auto-organização*. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH-UNICAMP, 2011.

ASHBY, W.R. Principles of the self-organizing system. In: VON FOERSTER, H., ZOPF, G.W. (Orgs.). *Principles of the self-organization*. London: Pergamon Press, 1962.

BRESCIANI, F. E.; D'OTTAVIANO, I. M.L. Conceitos Básicos de Sistêmica. In: D'OTTAVIANO I. M. L.; GONZALEZ, M. E. Q. (orgs). *Auto-organização: estudos interdisciplinares*. Campinas: Unicamp, 2000, Coleção CLE, v.30, p. 283-306.

DEBRUN, M. A idéia de auto-organização. In: DEBRUN, M.; GONZALEZ, M. E. Q.; PESSOA JR., O. (orgs.) *Auto-organização: estudos interdisciplinares*. Campinas: Unicamp, 1996, Coleção CLE, v. 18, p. 03-24.

JONSHON, S. *Emergência: A vida Integrada das Formigas, Cérebros, Cidades e Softwares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

MORIN, E. *O método I: a natureza da natureza*. Porto Alegre: Meridional. 2002.

PEIRCE, C. S. *Collected Papers* – : 8 vol. org. Hartshorne, c; Weiss, Cambridge, Ma: Harvard University Press, 1958.

VIANA, C. A. *O Enigma Filosófico da Identidade Pessoal*. São Paulo: UNESP. 2007.

VIVEIROS, E. *A Inconstância da Alma Selvagem*. Rio de Janeiro: COSAC NAIFY, 2002.

VON BERTALANFFY, L. *General System Theory*. New York: Brazillier, 1968.